

ser como
o rio que
flui

Outros títulos de Paulo Coelho:

O Alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O demônio e a srta. Prym

O diário de um mago

A espiã

Hippie

Maktub

Manual do guerreiro da luz

O Monte Cinco

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei

Onze minutos

O vencedor está só

Veronika decide morrer

O Zahir

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



PA
RA
LE
IA

Copyright © 2009 by Paulo Coelho

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Ser como o rio que flui. / Paulo Coelho. — 1ª ed. São
Paulo : Paralela, 2019.

ISBN 978-85-8439-152-3

1. Crônicas brasileiras I. Título.

19-31038

CDD-B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br
facebook.com/editoraparela
instagram.com/editoraparela
twitter.com/editoraparela

*Ser como o rio que flui
Silencioso no meio da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas no céu, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.*

MANUEL BANDEIRA

Prefácio

Quando tinha quinze anos, disse para minha mãe:

— Descobri minha vocação. Quero ser um escritor.

— Meu filho — respondeu ela, com um ar triste —, seu pai é um engenheiro. É um homem lógico, razoável, com uma visão precisa do mundo. Você sabe o que é ser um escritor?

— Alguém que escreve livros.

— Seu tio Haroldo, que é médico, também escreve livros, e já publicou alguns. Faça a faculdade de Engenharia, e terá tempo para escrever em seus momentos livres.

— Não, mamãe. Eu quero ser apenas escritor. Não um engenheiro que escreve livros.

— Mas você já conheceu algum escritor? Alguma vez você viu um escritor?

— Nunca. Só em fotografias.

— Então como você quer ser um escritor, sem saber direito o que é isso?

Para poder responder à minha mãe, resolvi fazer uma pesquisa. Eis o que descobri sobre o que era ser um escritor, no início da década de sessenta:

A) Um escritor sempre usa óculos, e não se penteia direito. Passa metade de seu tempo com raiva de tudo,

e a outra metade deprimido. Vive em bares, discutindo com outros escritores de óculos e despenteados. Fala difícil. Tem sempre ideias fantásticas para o seu próximo romance, e detesta aquele que acabou de publicar.

B) Um escritor tem o dever e a obrigação de jamais ser compreendido por sua geração — ou nunca chegará a ser considerado um gênio, pois está convencido que nasceu numa época em que a mediocridade impera. Um escritor sempre faz várias revisões e alterações em cada frase que escreve. O vocabulário de um homem comum é composto de três mil palavras; um verdadeiro escritor jamais as utiliza, já que existem outras cento e oitenta e nove mil no dicionário, e ele não é um homem comum.

C) Apenas outros escritores compreendem o que um escritor quer dizer. Mesmo assim ele detesta secretamente os outros escritores — já que estão disputando as mesmas vagas que a história da literatura deixa ao longo dos séculos. Então, o escritor e seus pares disputam o troféu do livro mais complicado: será considerado o melhor aquele que conseguir ser o mais difícil.

D) Um escritor entende de temas cujos nomes são assustadores: semiótica, epistemologia, neoconcretismo. Quando deseja chocar alguém, diz coisas como “Einstein é burro” ou “Tolstói é o palhaço da burguesia”. Todos ficam escandalizados, mas passam a repetir para os outros que a teoria da relatividade está errada, e que Tolstói defendia os aristocratas russos.

E) Um escritor, para seduzir uma mulher, diz: “sou escritor”, e escreve um poema num guardanapo; funciona sempre.

F) Por causa de sua vasta cultura, um escritor sempre consegue emprego como crítico literário. É nesse momento que ele mostra sua generosidade, escrevendo sobre os livros de seus amigos. Metade da crítica é composta de citações de autores estrangeiros; a outra metade são as tais análises de frases, sempre empregando termos como “o corte epistemológico” ou “a visão integrada num eixo correspondente”. Quem lê a crítica comenta: “que sujeito culto”. E não compra o livro, porque não vai saber como continuar a leitura quando o corte epistemológico aparecer.

G) Um escritor, quando convidado a depor sobre o que está lendo naquele momento, sempre cita um livro que ninguém ouviu falar.

H) Só existe um livro que desperta a admiração unânime do escritor e seus pares: *Ulisses*, de James Joyce. O escritor nunca fala mal desse livro, mas, quando alguém lhe pergunta do que se trata, ele não consegue explicar direito, deixando dúvidas se realmente o leu. É um absurdo que *Ulisses* jamais seja reeditado, já que todos os escritores o citam como uma obra-prima; talvez seja a estupidez dos editores, deixando passar a oportunidade de ganhar muito dinheiro com um livro que todo mundo leu e gostou.

Munido de todas essas informações, voltei à minha mãe e expliquei exatamente o que era um escritor. Ela ficou um pouco surpresa.

— É mais fácil ser engenheiro — disse ela. — Além do mais, você não usa óculos.

Mas eu já estava despenteado, com meu pacote de Gauloises no bolso, uma peça de teatro debaixo do braço

(*Limites da resistência* que, para minha alegria, um crítico definiu como “o espetáculo mais maluco que já vi”), estudando Hegel, e decidido a ler *Ulisses* de qualquer maneira. Até o dia em que um cantor de rock apareceu, pediu que eu fizesse as letras de suas músicas, me retirou da busca da imortalidade, e me colocou de novo no caminho das pessoas comuns.

Isso me fez percorrer muitos lugares, e trocar mais de países do que de sapatos, como dizia Bertolt Brecht. Nas páginas a seguir, relatos de alguns momentos que vivi, histórias que me contaram, reflexões que fiz enquanto percorria determinada etapa do rio de minha vida.

Estes textos já foram publicados em diversos jornais do mundo, e foram recompilados a pedido dos leitores.

PAULO COELHO

Um dia no moinho

Minha vida, no momento presente, é uma sinfonia composta de três movimentos distintos: “muitas pessoas”, “algumas pessoas”, e “quase ninguém”. Cada um deles dura aproximadamente quatro meses por ano, se misturam com frequência durante o mesmo mês, mas não se confundem.

“Muitas pessoas” são os momentos em que estou em contato com o público, os editores, os jornalistas. “Algumas pessoas” acontece quando vou para o Brasil, encontro meus amigos de sempre, caminho na praia de Copacabana, vou a um ou outro acontecimento social, mas geralmente fico em casa.

Minha intenção hoje, no entanto, é divagar um pouco sobre o movimento “quase ninguém”. Neste momento a noite já caiu neste povoado de duzentas pessoas nos Pirineus, cujo nome prefiro manter em segredo, e onde comprei há pouco tempo um antigo moinho transformado em casa. Acordo todas as manhãs com o cantar do galo, tomo meu café e saio para caminhar entre as vacas, os cordeiros, as plantações de milho e de feno. Contemplo as montanhas e — ao contrário do movimento “muitas pessoas” — jamais procuro pensar em quem

sou. Não tenho perguntas, nem respostas; vivo por inteiro no momento presente, entendendo que o ano tem quatro estações (sim, pode parecer óbvio, mas às vezes nos esquecemos disso), e eu me transformo como a paisagem ao redor.

Neste momento, não me interessa muito o que acontece no Iraque ou no Afeganistão: como qualquer outra pessoa que vive no interior, as notícias mais importantes são as ligadas à meteorologia. Todos os que habitam a pequena cidade sabem se vai chover, fazer frio, ventar muito, já que isso afeta diretamente suas vidas, seus planos, suas colheitas. Vejo um fazendeiro cuidando do seu campo, nos desejamos “bom dia”, discutimos as previsões do tempo, e continuamos a fazer o que estávamos fazendo — ele em seu arado, eu em minha longa caminhada.

Volto, olho a caixa de correio, ali está o jornal da região: há um baile no vilarejo vizinho, uma conferência em um bar de Tarbes — a cidade grande, com seus quarenta mil habitantes —, os bombeiros foram chamados porque uma lixeira foi queimada durante a noite. O tema que mobiliza a região é um grupo acusado de cortar os plátanos de uma estrada rural, porque causaram a morte de um motociclista; esta notícia rende uma página inteira e vários dias de reportagens a respeito do “comando secreto” que está querendo vingar a morte do rapaz, destruindo as árvores.

Deito-me ao lado do regato que corre no meu moinho. Olho os céus sem nuvens neste verão aterrador, com cinco mil mortos apenas na França. Levanto-me e vou praticar *kyudo*, a meditação com arco e flecha, que

toma mais uma hora do meu dia. Já é hora de almoçar: faço uma refeição ligeira e de repente noto que lá, em uma das dependências da antiga construção, está um objeto estranho, com tela e teclado, conectado — maravilha das maravilhas — com uma linha de altíssima velocidade, também chamada de DSL. Sei que, no momento em que apertar um botão daquela máquina, o mundo virá ao meu encontro.

Resisto o quanto posso, mas o momento chega, meu dedo toca o comando “ligar”, e aqui estou de novo conectado com o mundo, as colunas dos jornais brasileiros, os livros, as entrevistas que precisam ser dadas, as notícias do Iraque, do Afeganistão, os pedidos, o aviso que o bilhete de avião chega amanhã, as decisões a adiar, as decisões a tomar.

Trabalho por várias horas, porque foi o que escolhi, porque é essa a minha lenda pessoal, porque um guerreiro da luz sabe que tem deveres e responsabilidades. Mas no movimento “quase ninguém”, tudo o que está na tela do computador é muito distante, da mesma maneira que o moinho parece um sonho quando estou nos movimentos “muitas pessoas” ou “algumas pessoas”.

O sol começa a se esconder, o botão é desligado, o mundo volta a ser apenas o campo, o perfume das ervas, o mugido das vacas, a voz do pastor que traz de volta suas ovelhas para o estábulo ao lado do moinho.

Pergunto-me como posso passear em dois mundos tão diferentes em apenas um dia: não tenho resposta, mas sei que isso me dá muito prazer, e estou contente enquanto escrevo estas linhas.

O homem que seguia seus sonhos

Nasci na Casa de Saúde São José, no Rio de Janeiro. Como foi um parto bastante complicado, minha mãe me consagrou ao santo, pedindo que me ajudasse a viver. José passou a ser uma referência para a minha vida, e desde 1987, ano seguinte ao da minha peregrinação a Santiago de Compostela, dou uma festa em sua homenagem, no dia 19 de março. Convido amigos, pessoas trabalhadoras e honestas e, antes do jantar, rezamos por todos aqueles que procuram manter a dignidade no que fazem. Oramos também pelos que se encontram desempregados, sem nenhuma perspectiva para o futuro.

Na pequena introdução que faço antes da prece, costume lembrar que, das cinco vezes que a palavra “sonho” aparece no Novo Testamento, quatro se referem a José, o carpinteiro. Em todos esses casos, ele está sempre sendo convencido por um anjo a fazer exatamente o contrário do que estava planejando.

O anjo pede que ele não abandone sua mulher, embora ela esteja grávida. Ele podia dizer coisas do tipo “O que os vizinhos vão pensar?”. Mas volta para casa, e acredita na palavra revelada.

O anjo o envia para o Egito. E sua resposta podia ter sido: “Mas eu já estou aqui estabelecido como carpinteiro, tenho minha clientela, não posso deixar tudo de lado agora”. Entretanto, arruma suas coisas e parte em direção ao desconhecido.

O anjo pede que volte do Egito. E José podia ter de novo pensado: “Logo agora que eu consegui estabilizar de novo minha vida, e que tenho uma família para sustentar?”

Ao contrário do que o senso comum manda, José segue seus sonhos. Sabe que tem um destino a cumprir, que é o destino de quase todos os homens neste planeta: proteger e sustentar sua família. Como milhões de Josés anônimos, ele procura dar conta da tarefa, mesmo tendo de fazer coisas que estão muito além de sua compreensão.

Mais tarde, tanto a mulher como um dos filhos se transformam nas grandes referências do Cristianismo. O terceiro pilar da família, o operário, é lembrado apenas nos presépios de final de ano, ou por aqueles que têm uma devoção especial por ele, como é o meu caso, e como é o caso de Leonardo Boff, para quem escrevi o prefácio de seu livro sobre o carpinteiro.

Reproduzo parte de um texto do escritor Carlos Heitor Cony (espero que seja mesmo dele, porque descobri na internet!):

“Volta e meia estranham que, declarando-me agnóstico, não aceitando a ideia de um deus filosófico, moral ou religioso, seja devoto de alguns santos do nosso calendário tradicional. Deus é um conceito ou uma entidade distante demais para os meus recursos e até mesmo

para minhas necessidades. Já os santos, porque foram terrenos, com os mesmos alicerces de barro de que fui feito, merecem mais do que a minha admiração. Merecem mesmo a minha devoção.

São José é um deles. Os Evangelhos não registram uma única palavra sua, somente gestos, e uma referência explícita: *vir justus*. Um homem justo. Como se tratava de um carpinteiro, e não de um juiz, deduz-se que José era acima de tudo um bom. Bom como carpinteiro, bom como esposo, bom como pai de um garoto que dividiria a história do mundo.”

Belas palavras de Cony. E eu, muitas vezes, leio aberrações do tipo: “Jesus foi para a Índia aprender com os mestres do Himalaia”. Para mim, todo homem pode transformar em sagrada a tarefa que lhe é dada pela vida, e Jesus aprendeu enquanto José, o homem justo, lhe ensinava a fazer mesas, cadeiras, camas.

No meu imaginário, gosto de pensar que a mesa onde o Cristo consagrou o pão e o vinho teria sido feita por José — porque ali estava a mão de um carpinteiro anônimo, que ganhava a vida com o suor do seu rosto e, justamente por causa disso, permitia que os milagres se manifestassem.